

A Batalha Naval dos Abrolhos (1631)*

Naval Battle of Abrolhos (1631)

Alceu Oliveira Castro Jungstedt

Capitão de Mar e Guerra (RM1). Bacharel em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-graduando em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores. Instrutor de Estratégia Naval da Escola de Guerra Naval (EGN).

RESUMO

O objetivo deste artigo é descrever a Batalha Naval dos Abrolhos a fim de determinar se houve um vencedor tático e/ou estratégico. Descreve-se a reação luso-espanhola à conquista de Recife, os preparativos para a expedição de D. Antonio de Oquendo e a Batalha propriamente dita. Foi um violento e intenso combate entre as capitâneas, e entre os navios dos Vice-Almirantes, como, normalmente, aconteciam nas batalhas navais em alto-mar até meados do século XVII. Foi um combate tático e estratégico inconcluso, que não alterou a situação da ocupação holandesa em Pernambuco.

PALAVRAS-CHAVE: União Ibérica; Invasões Holandesas; Batalha Naval dos Abrolhos

ABSTRACT

The purpose of this article is to describe the Naval Battle of Abrolhos in order to determine if there was a tactical and/or strategic winner. The article describes the Luso-Spanish reaction to the conquest of Recife, the preparations for the expedition of D. Antonio de Oquendo and the Battle itself. It was a violent and intense combat between the flagship, and between the ships of the Vice-Admirals, as was usual in naval battles on the high seas until the middle of the 17th century. It was an inconclusive tactical and strategic combat, which did not change the situation of the Dutch occupation in Pernambuco.

KEYWORDS: Iberian Union; Dutch Invasions; Naval Battle of Abrolhos

INTRODUÇÃO

No dia 12 de setembro de 1631, ocorreu a mais violenta batalha naval no Atlântico Sul, até então. Quatro galeões afundados, um aprisionado e cerca de 700 mortos jaziam no oceano após o enfrentamento das esquadras neerlandesa e luso-espanhola. A Batalha Naval dos Abrolhos poderia ter terminado, prematuramente, com a invasão neerlandesa em Pernambuco. Entretanto, o seu polêmico resultado, tático e estratégico, vem sendo alvo de debates há quase 400 anos¹.

O objetivo deste artigo é descrever a Batalha Naval dos Abrolhos², a fim de determinar se houve um vencedor tático e/ou estratégico.

Será apresentada, inicialmente, uma contextualização histórica do período. Em seguida, são descritas, resumidamente, as invasões neerlandesas ao Brasil, a reação luso-espanhola à conquista de Olinda e Recife, os preparativos para a expedição de D. Antonio

*Artigo recebido em 20 de fevereiro de 2021 e aprovado para publicação em 4 de maio de 2021.
Navigator: subsídios para a história marítima do Brasil. Rio de Janeiro, V. 17, nº 33, p. 68-87 – 2021.

de Oquendo e a Batalha propriamente dita. Analisa-se, a seguir, o resultado da Batalha dos Abrolhos, tanto tática quanto estrategicamente, incluindo uma reflexão sobre a sua influência para a continuidade do domínio neerlandês no Nordeste brasileiro.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Após a morte do Rei de Portugal D. Sebastião I, na Batalha de Alcácer Quibir, em 4 de agosto de 1578, assumiu o trono português o seu tio-avô, o Cardeal D. Henrique, que não tinha descendentes. Quando do falecimento do Rei-Cardeal, em 31 de janeiro de 1580, três pretendentes principais disputaram o trono³, que passaria a Felipe II da Espanha, em novembro de 1580. Era a União das Coroas Ibéricas (1580-1640) (BOXER, 1981).

Desde 1568, ocorria a Guerra dos Oitenta anos (1568-1648), a revolta dos Países Baixos, calvinistas, contra o domínio espanhol, católico. Felipe II decretou, então, um embargo contra os navios neerlandeses nos portos ibéricos. “O resultado imediato foi o incremento do contrabando ibérico e o alargamento das navegações batavas, a princípio em direção ao Mediterrâneo e logo no rumo das Índias Ocidentais, Brasil e África portuguesa” (GUEDES, 1990, p. 21).

O passo seguinte foram as expedições em direção ao Oriente, que levaram à fundação da Companhia das Índias Orientais (*Vereenigde Oostendische Compagnie* – VOC), em 1602, sob a inspiração do estadista batavo Johan van Oldenbarnevelt (1547-1619), que conseguiu convencer as companhias rivais a se fundirem em uma corporação monopolista. O esforço de guerra contra os neerlandeses, nos Países Baixos e no Oriente, e contra os venezianos, no Mediterrâneo, levou a coroa espanhola à bancarrota. Quando Oldenbarnevelt sugeriu um cessar-fogo, foi pactuada a Trégua dos Doze Anos, em 9 de abril de 1609 (GUEDES, 1990).

Durante a trégua, a VOC continuou suas atividades no Oriente, mas Oldenbarnevelt conseguiu vetar a criação da Companhia das Índias Ocidentais (*West-Indische Compagnie* – WIC), pois entendeu que esta ameaçaria a paz com os espanhóis (ALBUQUERQUE, 2012; BOXER, 1961). Mesmo assim, o Atlântico português não escapou “ao dinamismo da economia neerlandesa, que, alegadamente, teria passado a deter entre metade e dois terços da navegação entre Portugal e o Brasil, de maneira autorizada ou clandestina. Embora exame recente... haja concluído que tal penetração tem sido exagerada ...” (MELLO, 2021b, p. 35).

Este comércio ocorreu a despeito das proibições baixadas pela Coroa espanhola, graças à intermediação de comerciantes portugueses de Viana e do Porto, em desobediência às instruções espanholas. Boxer (1961) ainda apresenta os seguintes números: “construíam-se anualmente na Holanda quinze navios para o uso exclusivo desse comércio, ao mesmo tempo em que se importavam, via Portugal, 50.000 caixas de açúcar, afora pau-brasil, algodão, couro etc.” (p. 28). Para ele, uma consequência direta dessa atividade comercial foi que os neerlandeses passaram a conhecer as águas brasileiras, seus portos, suas correntes e o regime de ventos.

A execução de Oldenbarnevelt, em 13 de maio de 1619, sob a forjada acusação de alta traição, assinalou o triunfo dos partidários da guerra (BOXER, 1961). Eram eles o *stadhouder* Maurício de Nassau⁴, o exército e o clero calvinista... “Não foi coincidência se dias depois... desengavetaram o projeto de criação da WIC” (MELLO, 2021b, p. 37).

Na Espanha não foi diferente e o reinício das hostilidades com os neerlandeses agora estava na ótica da Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), no equilíbrio europeu, entre as potências católicas e protestan-

tes e entre as dinastias dos Habsburgos e dos Bourbons; “e também em prol da preservação do império ultramarino hispânico-português, diante da penetração neerlandesa, que tomara vulto durante os anos de trégua” (MELLO, 2021a, p. 27).

Com o fim da Trégua dos Doze Anos, em 1621, ocorreu um momento de inflexão na Guerra dos Oitenta Anos, que marcou uma nova fase da guerra “plurioceânica, orientada pela disputa pelo comércio das especiarias asiáticas, pelo comércio escravagista da África e pelo comércio do açúcar do Estado do Brasil” (LOUREIRO, 2018, p. 55). Neste contexto, foi fundada a Companhia das Índias Ocidentais, em 3 de junho de 1621, que obteve o privilégio, por 24 anos, da navegação e do comércio nas Índias Ocidentais, do extremo sul da Terra Nova ao Estreito de Magalhães, e, na África, do Trópico de Câncer até o Cabo da Boa Esperança (LAET⁵, 1912).

Muitas foram as sugestões de onde deveria ser atacado o Império Marítimo Luso- Espanhol pela WIC, como Guiana, Chile, Panamá, Cuba, um porto na própria Península Ibérica, mas a proposta que foi aceita foi o Brasil⁶ (BOXER, 1961). Os neerlandeses foram estimulados “pela fraqueza militar de Portugal para defender o Brasil” (ROSTY, 2009, p. 62).

AS INVASÕES NEERLANDESAS

A primeira invasão neerlandesa ao Brasil ocorreu na capital da colônia, em Salvador, Bahia. A esquadra neerlandesa era composta por 26 navios, entre galeões e transportes artilhados. Era tripulada por 1.600 marinheiros e 1.700 soldados. O comando coube ao Almirante Jacob Willekens (1564-1649), tendo como Vice-Almirante Piet Pieterszoon Heyn (1577-1629) e no comando da tropa o Coronel Johan van Dorth (1586-1624) (GUEDES, 1990).

A 8 de maio de 1624, a esquadra neerlandesa entrou na Baía de Todos os

Santos e, no dia seguinte, foi iniciado o bombardeio do porto e dos navios que se encontravam no mesmo⁷. As tropas foram desembarcadas, sem oposição, nas proximidades da cidade, e a conquista foi completada com a rendição do governador Diogo de Mendonça Furtado (BOXER, 1961; GUEDES, 1990).

Para Boxer (1961), os espanhóis ficaram alarmados, temendo que o objetivo final dos neerlandeses fosse não o açúcar do Brasil, mas a prata do Peru. Já os portugueses compreenderam que se perdessem a Bahia, provavelmente perderiam todo o Brasil. A cooperação entre Lisboa e Madri foi, então,

...cordial e uníssonas... Com inaudito esforço, e graças ao entusiasmo despertado em todas as classes e raças da península pela ‘expedição dos vassalos’⁸⁸, como chamavam em Portugal, a armada hispano-portuguesa surgia ao largo da Bahia, na véspera da Páscoa de 1625. Essa força era composta de cinquenta e dois navios, transportando 12.566 homens e 1.185 bocas de fogo, sendo a maior e a mais poderosa de todas as esquadras que haviam cruzado a linha equatorial até então (p. 32/34).

Segundo Guedes (1990), a armada portuguesa suspendeu com 22 navios e 4.000 homens de mar e terra, sob o comando do Capitão-General⁹ D. Manuel de Meneses (1565-1628). Já a armada espanhola era muito maior, composta por 39 navios e 8.500 homens, sob o comando do Capitão-General do Mar Oceano D. Fradique de Toledo Osório (1580-1634), que assumiu o comando da esquadra combinada. A junção das esquadras ocorreu nas proximidades do arquipélago de Cabo Verde.

Uma análise completa da organização, composição e atuação dessa esquadra, até a rendição dos neerlandeses, em 30

de abril de 1625, pode ser encontrada em *As Guerras Holandesas no Mar*, da coleção *História Naval Brasileira* (Segundo volume, Tomo IA), de autoria do Almirante Max Justo Guedes (1927-2011).

Neste interregno, ocorreram dois fatos que merecem esclarecimentos, pois contribuíram para o enfraquecimento econômico e militar da União Ibérica e para o aumento de capital da WIC.

No inverno de 1627, uma armada portuguesa, comandada novamente por D. Manuel de Meneses, apesar do mau tempo característico da época, suspendeu para encontrar-se e comboiar duas naus da Carreira da Índia. As naus conseguiram chegar ao porto de Vigo, mas uma violenta tempestade fez com que a esquadra fosse conseguir abrigo apenas em La Coruña. Pressionado por seus comandantes e por necessidades econômicas, D. Manuel de Meneses fez uma tentativa de retornar a Lisboa. Foram 18 dias de tempestades fazendo com que praticamente todos os navios fossem perdidos, entre 12 e 14 de janeiro de 1627, na costa francesa, ao sul de Arcachon. “Para além da perda dos navios, morre um importante número de nobres, de gente de guerra e mar portuguesa, num desastre considerado por muitos como bastante pior que Alcácer Quibir” (SALGADO, 2009, p. 157).

Um ano depois, foi a vez dos espanhóis sofrerem grandes perdas em Matanzas, ao norte de Cuba, onde a Frota da Prata de 1628 foi interceptada pelos neerlandeses¹⁰. “Pela primeira e última vez, essa operação, tantas vezes tentada por navegadores holandeses, ingleses e franceses, foi coroada de pleno êxito” (BOXER, 1961, p. 41). De acordo com Joannes de Laet (1915), o butim foi avaliado em 11.509.524 florins. Para Salgado (2009), além da perda do tesouro e da crise financeira, foi significativa também a perda dos meios navais.

Em 1630, com sua situação financeira estabilizada, a WIC pôde executar uma nova tentativa de invadir o Nordeste brasileiro, desta vez em Pernambuco. Para José Antônio Gonsalves de Mello (2007): “Com justeza afirmou José Honório Rodrigues que após terem tentado dominar o centro político da colônia portuguesa – a Bahia – tentaram os flamengos apossar-se do seu centro econômico no século de seiscentos” (p. 39).

Há anos vinham os neerlandeses reunindo informações sobre essa capitania, como “a configuração da costa, os portos, desembarcadouros, regime dos ventos; a sua riqueza, a sua agricultura” (MELLO, 2007, p. 40).

A esquadra neerlandesa foi suspendendo aos poucos e rumando para várias direções, para não levantar suspeitas nos espanhóis e para aumentar a chance de tomar presas. A reunião final ocorreu em Cabo Verde, de onde rumaram para o Brasil: 54 navios e iates e 13 patachos, sob o comando do General Hendrick Corneliszoon Lonck (1568-1634), contando com o Almirante Pieter Adriaenszoon Ita e o Vice-Almirante Joost van Trappen. No comando das tropas ia o Coronel Diederick van Waerdenburch. Eram cerca de 3.500 marinheiros e 3.000 soldados (GUEDES, 1990).

Em 14 de fevereiro de 1630, os neerlandeses chegaram ao litoral pernambucano, desembarcando, no dia seguinte, suas tropas na praia de Pau Amarelo, ao norte de Olinda (LAET, 1915).

Após a queda de Olinda e a rendição dos fortes de Recife, em 3 de março, o Governador Matias de Albuquerque (1580-1647) organizou a resistência em torno do Arraial do Bom Jesus, de onde saíam as Companhias de Emboscada, com 30 a 40 homens, visando impedir que os holandeses avançassem para o interior. “Os invasores ficaram limitados ao litoral, qualquer movimento era interceptado e os que se arriscavam a sair do Recife e de Olinda eram mortos” (ROSTY, 2009, p. 68).

Para Gonsalves de Mello (2007), “A situação dos holandeses era então de quase desespero. Viviam em uma faixa de terra que nada produziam; as despesas eram enormes... A situação alimentar chegou a extremos terríveis” (p. 44/5). A fome pode ser confirmada pelo testemunho de Ambrósio Richshoffer (1977), que lançou nas páginas de seu diário, em julho de 1630: “...as rações de pão ou provisões distribuídas para oito dias mal chegam para dois, sendo até devorados cães, gatos e ratos...”, sentenciando, em seguida, “... achamo-nos na seguinte alternativa de ou expulsarmos o inimigo da sua vantajosa posição ou morrermos de fome” (p. 82).

Para Boxer (1961): “Chegara-se assim a um empate, em que cada uma das partes era incapaz de sobrepujar a outra, esperando ambas a vinda dos reforços instantaneamente reclamados das respectivas metrópoles” (p. 58).

Portanto, a situação da conquista de Pernambuco pelos neerlandeses estava ameaçada, sendo mantida apenas pelas comunicações marítimas com a metrópole. Uma expedição como a de D. Fradique de Toledo Osório poderia ter expulsado os neerlandeses. Entretanto, o cenário econômico-militar na Península Ibérica já não era mais o mesmo.

A REAÇÃO LUSO-ESPAÑHOLA À INVASÃO DE PERNAMBUCO

Entre abril e maio de 1630, a notícia da conquista de Recife e Olinda pelos neerlandeses chegou a Lisboa e a Madri. A Coroa espanhola ficou alarmada e se esforçou para socorrer os defensores de Pernambuco, sendo a primeira reação a do Conde-Duque de Olivares (1587-1645), que ordenou a mobilização de uma esquadra luso-espanhola, nos moldes da que socorreu a Bahia cinco anos atrás (BOXER, 1961).

Evaldo Cabral de Mello concorda com a opinião de Boxer, afirmando que: “A coroa

castelhana empenhou-se na recuperação de Pernambuco, mas, ao se aprofundar o fosso entre os recursos financeiros e os compromissos internacionais, seu poder nos anos 30 já não era o mesmo que em 1625...” (MELLO, 2021b, p. 38).

Além dos problemas já citados, Evaldo Cabral de Mello (2021a; 2021b) e Charles R. Boxer (1961) listaram as principais dificuldades, internas e externas, que afligiam a União Ibérica no período. Internamente, chuvas torrenciais e inundações no início de 1626; seca e fome em Portugal (1630-2); a bancarrota dos genoveses; a perda de outra frota da prata, afundada por um furacão (novembro de 1631); e o fracasso do programa de reformas de Olivares. Externamente, a Coroa envolveu-se na guerra de sucessão de Mântua, na Lombardia; os neerlandeses tomaram Den Bosch, na Europa, em 1629, e estavam conquistando a Índia portuguesa e o Ceilão; a França entrou na Guerra dos Trinta Anos em apoio aos Países Baixos; e a ofensiva sueca na Alemanha. “Não era o Brasil a única dor de cabeça para Olivares e seus conselheiros” (BOXER, 1961, p. 76). Portanto, a conquista de Olinda e Recife pelos neerlandeses era mais um problema, entre os muitos enfrentados pelos espanhóis.

Anda em maio de 1630, a Corte, em Madri, solicitou a Lisboa ajuda para mobilizar uma esquadra conjunta para ser enviada ao Brasil, entretanto “a resposta dos portugueses foi necessariamente menos entusiástica do que em 1624... A despeito das ordens categóricas e reiteradas de Madri, só com muita dificuldade e lentidão conseguiu Lisboa navios, homens e dinheiro” (BOXER, 1961, p. 63).

Apesar das alegações dos historiadores portugueses, em contrário, o fato é que a Coroa de Castela tomou a iniciativa das ações para o envio de auxílio ao Brasil (BOXER, 1961). Felipe IV determinou que fossem enviadas forças para combater os in-

vasores; em setembro já havia instruções para o preparo da expedição de socorro; em outubro foi designado seu comandante, D. Antonio de Oquendo y Zandategui (1577-1640) (Figura 1) (GUEDES, 1990).

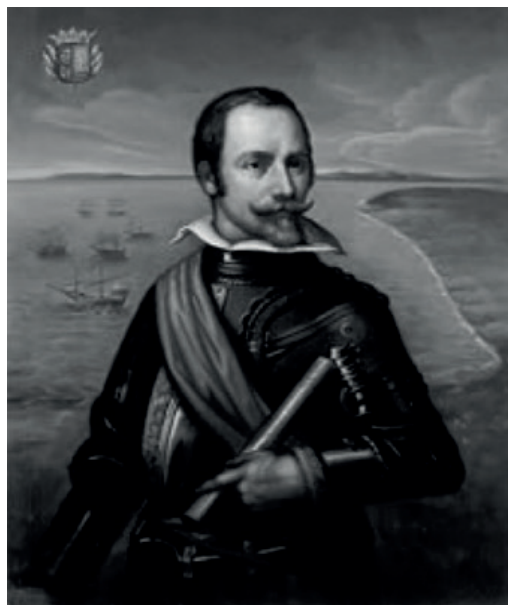


Figura 1 – Retrato imaginário de Antonio de Oquendo. Óleo de Juan Garcia Condoy, c. 1940. Fonte: Unsain (2008, p. 394).

O Almirante Max Justo Guedes nos informa que, no Arquivo Geral de Simancas, encontra-se farta documentação relativa ao preparo do socorro a Pernambuco,

suas muitas dificuldades e os pedidos e ações de D. Oquendo para “reunir o elevado número de navios necessários à empresa... preparar as guarnições e obter os meios de pagamento indispensáveis, reparar os navios, armá-los, equipá-los e aprovisioná-los” (GUEDES, 1990, p. 113).

Em novembro foi escolhido o segundo no comando da armada luso-espanhola, o Almirante D. Francisco de Vallecilla (?-1631) (GUEDES, 1990).

A esquadra luso-espanhola concentrou-se em Lisboa. Os espanhóis contavam 16 navios, 12 galeões, uma urca, dois patachos e uma tartana. Os portugueses contavam com cinco galeões, um patacho e cinco caravelas. Portanto, uma esquadra muito menor, menos da metade da organizada para a liberação da Bahia em 1625 (PEREIRA, 2009).

A tabela 1, abaixo, apresenta a listagem dos galeões, incluindo a denominação, o número de canhões e a tonelagem dos navios, o que será importante na descrição da batalha. No total, a esquadra espanhola continha 336 canhões, 1.309 marinheiros e 2.478 soldados. A portuguesa, 113 canhões, 616 marinheiros e 669 soldados (PEREIRA, 2009).

| Estado | Nome | Tons. | Canhões |
|----------|---|-------|---------|
| Espanha | <i>Santiago de Oliste</i> | 900 | 44 |
| | <i>San Antonio</i> | 700 | 28 |
| | <i>Nuestra Señora del Buen Suceso</i> | 700 | 28 |
| | <i>San Buenaventura</i> | 500 | 22 |
| | <i>San Martín de Guipúscoa</i> | 450 | 18 |
| | <i>San Pedro</i> | 450 | 20 |
| | <i>San Bartolomé</i> | 444 | 18 |
| | <i>Nuestra Señora de la Concepción</i> | 601 | 30 |
| | <i>Nuestra Señora de la Anunciada</i> | 622 | 26 |
| | <i>San Carlos</i> | 550 | 24 |
| | <i>San Blas</i> | 400 | 20 |
| | <i>San Francisco</i> | 400 | 20 |
| Portugal | <i>São Jorge</i> | 433 | 28 |
| | <i>São João Baptista</i> | 440 | 19 |
| | <i>São Tiago</i> | 450 | 20 |
| | <i>Nossa Senhora dos Prazeres Maior</i> | 381 | 18 |
| | <i>Nossa Senhora dos Prazeres Menor</i> | 305 | 18 |

Tabela 1 – Galeões da esquadra luso-espanhola de D. Antonio de Oquendo¹¹ Fontes: Guedes (1990, p. 119); Marley (2008, p. 183); e Pereira (2009, p. 146/7).

O Almirante Max Justo Guedes (1990) apresenta um quadro completo da esquadra luso-espanhola e o somatório dos canhões, marinheiros e soldados é igual ou próximo aos números apresentados acima, respectivamente, 449, 1.925 e 3.147.

Foi necessário praticamente um ano para que a esquadra de socorro ficasse pronta. O principal motivo para a lentidão foram as discussões de a quem caberia a maior parte dos custos, dos sacrifícios financeiros para equipá-la e aprestá-la. Finalmente, a Coroa de Castela forneceu cerca de 70% dos galeões e a Portuguesa 30%, mas os portugueses queixaram-se de que tiveram que arcar com os custos de toda a expedição (BOXER, 1959).

Para Evaldo Cabral de Mello (2021a) “A armada de Oquendo tinha a missão estrita de transportar reforços... que... apoiariam a guerra de usura encetada por Matias de Albuquerque” (p. 37). Para o Almirante Max Justo Guedes (1990) ela teria que cumprir mais duas missões: comboiar navios mercantes carregados de açúcar¹² até que estivessem livres da ameaça das forças neerlandesas de Pernambuco; e alcançar, em seguida, as Índias Ocidentais, para comboiar a frota da prata até a Espanha. De acordo com Boxer (1959), as ordens de Oquendo eram para desembarcar reforços na Bahia, que se acreditava estar sob ameaça dos neerlandeses; desembarcar reforços em Pernambuco e na Paraíba; e, no retorno, comboiar a frota açucareira da Bahia. Sua tarefa era essencialmente defensiva. Ele não tinha ordens para atacar a esquadra neerlandesa, nem tampouco atacá-los em Pernambuco.

Portanto, não comportava a missão de expulsar os neerlandeses de Pernambuco. A Espanha não se via em condições de expulsá-los, mas apenas reforçar a resistência de Matias de Albuquerque. O principal era desembarcar os reforços e comboiar as riquezas do Brasil para a Península Ibérica.

Nesse meio tempo, a WIC, ciente de que os ibéricos aprestavam uma esquadra para o envio de reforços ao Brasil, decidiram, finalmente, preparar uma esquadra, não só para desembarcar reforços em Pernambuco, mas também para hostilizar o inimigo, ou seja, impedir a chegada de reforços por parte dos luso-espanhóis. Foram nomeados para comandar a esquadra neerlandesa o General Adriaen Janszoon Pater¹³ (?-1631), sendo, como segundo no comando, o Almirante Maerten Thijssen (?-1657) (LAET, 1915).

A esquadra partiu das Províncias Unidas, em pequenas unidades, que se uniram em Recife, entre dezembro de 1630 e abril de 1631. Inicialmente, atracou o esquadrão do Almirante Maerten Thijssen, com alguns navios, entre eles um galeão de 800 toneladas. Em seguida, em 14 de abril de 1631, chegaram mais 16 navios, mais da metade com mais de 300 toneladas, e a capitânia do Almirante Pater, um galeão de 1.000 toneladas, trazendo 1.000 homens para reforçar a guarnição de ocupação (GOSLINGA, 1971; MARLEY, 2008).

Em 5 de maio de 1631, a esquadra luso-espanhola suspendeu de Lisboa, em direção ao Brasil, rumando diretamente para a Bahia, onde seria reabastecida, desembarcaria 800 soldados, e iniciaria o embarque do açúcar. Ela trazia ainda outros 1.200 soldados, que seriam distribuídos para reforçar as tropas em Pernambuco e na Paraíba. A partir do dia 11 de julho, os navios que compunham a esquadra começaram a entrar na Baía de Todos os Santos (MARLEY, 2008; SALGADO, 2009).

Um Conselho de Guerra então dividiu as tropas que desembarcariam em Pernambuco e na Paraíba e o embarque das mesmas:

as tropas destinadas a Pernambuco – 400 soldados portugueses, 300 espanhóis, 300 napolitanos, e 12 peças de artilharia com os res-

pectivos artilheiros – deveriam ser embarcadas em 10 caravelas; as tropas destinadas à Paraíba – 100 soldados portugueses, 100 espanhóis e 12 peças de artilharia com os respectivos artilheiros – deveriam ser embarcadas em duas caravelas (PEREIRA, 2009, p. 147).

Uma descrição da composição e comando desses reforços encontramos nas memórias de D. Duarte de Albuquerque Coelho, Donatário de Pernambuco, presente na expedição luso-espanhola (COELHO, 2003).

Na carta do Conselho Político do Recife, de 8 de outubro de 1631, foi informado aos diretores da WIC, que, no dia 19 de agosto, o iate neerlandês *Katte*, enviado para acompanhar a movimentação em Salvador, trouxe a notícia para o Recife da presença da esquadra luso-espanhola. Ele avaliou entre 31 e 32 navios dentro da Baía

de Todos os Santos, sendo que somente quatro a cinco galeões (PEREIRA, 1895). Para Laet (1920), a informação trazida pelo *Katte*, era de que seriam “quatro galeões e mais 18 navios bem guarnecidos, além de algumas barcas e caravelas” (p. 208).

Pater acelerou os preparativos para suspender com a esquadra neerlandesa, a fim de interceptar a esquadra inimiga. Porém, teve dificuldades para completar as guarnições de seus navios, suspendendo com apenas 16 galeões e alguns navios menores, no último dia de agosto (Tabela 2) (MARLEY, 2008; PEREIRA, 2009). Essa dificuldade ocorreu, segundo a carta do Conselho Político, pois diversos navios estavam patrulhando a costa brasileira, quando do suspender de Pater (PEREIRA, 1985). Para Boxer (1959), Pater deixou Recife com a lotação de marinheiros incompleta, mas com excesso de soldados.

| Nome | Tons | Canhões |
|------------------------------|-------|---------|
| <i>Prins Willem</i> | 1.000 | 46 |
| <i>Geunieerde Provintien</i> | 800 | 50 |
| <i>Hollandia</i> | 600 | 30 |
| <i>Walcheren</i> | 560 | 34 |
| <i>Provincie Utrecht</i> | 600 | 38 |
| <i>Groeningen</i> | 600 | 32 |
| <i>Dordrecht</i> | 500 | 34 |
| <i>Amersfoort</i> | 400 | 28 |
| <i>Goeree</i> | 340 | 28 |
| <i>Griffoen</i> | 500 | 32 |
| <i>Oliphant</i> | 240 | 30 |
| <i>Medemblik</i> | 300 | 22 |
| <i>Fortuijn</i> | 320 | 20 |
| <i>Nieuw Nederlandt</i> | 200 | 14 |
| <i>Mercurius</i> | 400 | 26 |
| <i>'t Wapen van Hoorn</i> | 220 | 20 |

Tabela 2 – Galeões da esquadra neerlandesa de Pater na Batalha dos Abrolhos¹⁴ Fonte: Marley (2008, p. 183).

A armada de D. Antonio de Oquendo deixou o porto de Salvador em 3 de setembro, com os seus 17 galeões, 24 navios mercantes carregados de açúcar, 12 caravelas com as tropas de reforço e outros navios menores, para comboiar os navios

mercantes carregados de açúcar e desembarcar as tropas em apoio ao Governador Matias de Albuquerque (PEREIRA, 2009).

A monção de nordeste fez com que a esquadra navegasse para sudeste, buscando melhores condições para guinar

em direção a Pernambuco. Nesse meio tempo, foram interceptados pela esquadra holandesa na altura do Arquipélago dos Abrolhos, ocorrendo então a Batalha Naval dos Abrolhos, em 12 de setembro de 1831 (GUEDES, 1990).

A BATALHA DOS ABROLHOS

Pouco antes do pôr do sol do dia 11 de setembro, os neerlandeses avistaram a esquadra luso-espanhola. Pater não conseguiu avaliar corretamente o tamanho da esquadra ibérica, devido às condições de visibilidade, acreditando que ela só possuía oito galeões (LAET, 1920). Em carta aos diretores da WIC, o Almirante Thyssen informou que só se podiam ver os mastaréis (PEREIRA, 1895). Provavelmente, ele só teria conseguido identificar os maiores galeões da esquadra luso-espanhola, acima de 500 toneladas, que eram em número de sete.

De acordo com D. Duarte de Albuquerque, que estava embarcado na caravela que levava o Conde de Bagnuolo, Giovanni Vicenzo de San Feiice (1575-1640), comandante dos reforços para Pernambuco, os luso-espanhóis não avistaram a esquadra neerlandesa no entardecer do dia 11 (COELHO, 2003). Boxer (1959) afirmou que os ibéricos tiveram uma boa noite de sono, enquanto os neerlandeses passaram a noite se preparando para o combate.

Ao amanhecer do dia 12 de setembro de 1631, a esquadra continuou a aproximação, quando Pater convocou um Conselho de Guerra, decidindo combater a esquadra inimiga, ordenando que cada um dos galeões inimigos seria atacado por dois galeões neerlandeses (PEREIRA, 1895).

Neste meio tempo, o Conde de Bagnuolo se aproximou de sua capitânia para sugerir o reforço da infantaria dos galeões, com as tropas embarcadas nas caravelas. D. Oquendo não aceitou a oferta por dois motivos: não queria arriscar

o reforço a Pernambuco, que era uma de suas missões; e não considerou os 16 navios inimigos avistados como uma ameaça. Nas suas palavras eram: “pouca roupa” (COELHO, 2003, p. 76). D. Oquendo ordenou, então, que as caravelas e os navios mercantes fossem para sotavento da esquadra e formou “a linha de batalha...” (GUEDES, 1990, p. 121; PEREIRA, 2009, p. 148). De acordo com Marley (2008) e Boxer (1959), D. Oquendo posicionou seus galeões em uma meia-lua crescente, entre a formação inimiga e seu comboio.

Segundo Grant (2010), antes das marinhas europeias adotarem a linha de batalha, em meados do século XVII, as batalhas navais em alto-mar eram desordenadas, podendo facilmente degenerar-se em uma série de combates individuais. Cesar (2013) corrobora esta afirmação, pois no início do século XVII “não havia uma formatura tática bem definida e o combate era constituído por engajamentos individuais e desordenados entre navios. O objetivo tático consistia, então, em aproveitar os erros cometidos pelo navio inimigo envolvido na confusão do engajamento” (p. 101).

Pater, mesmo surpreendido pela quantidade de galeões luso-espanhóis, ordenou a continuação do ataque. D. Duarte de Albuquerque deu o seu testemunho da coragem de Pater: “não causava pouca admiração ver como se resolveram a fazê-lo, sendo tão inferiores em número” (COELHO, 2003, p. 76).

A ação principal “assumiu a forma de um duelo homérico¹⁵ entre as respectivas capitânias” (BOXER, 1961, p. 67). “Iniciou-se a mais sangrenta batalha travada em águas brasileiras. Disputada durante todo o dia” (DONATO, 2001, p. 176).

O *Prins Willem*, de 1.000 toneladas, acompanhado do *Walcheren*, de 560 toneladas, aproximaram-se do *Santiago de Oliste*, capitânia espanhol de 900 toneladas. Nesta aproximação, o capitânia neer-

landês recebeu o fogo de quatro galeões inimigos que estavam a barlavento do capitânia espanhol, o que despertou a admiração de Oquendo (BOXER, 1959).

Aguentaram o fogo de bordada até atingirem o alcance à queima-roupa, quando abriram fogo, ao que foram prontamente respondidos pelos espanhóis. Os navios ficaram presos, praticamente atracados um ao outro (MARLEY, 2008). Segundo Guedes (1990), D. Oquendo aguardou até o último momento para disparar a

sua bordada, causando

pesados danos no navio de Pater e às tropas de abordagem, que se achavam cobertas acima, prontas para saltar... com o impacto do navio inimigo e hábil manobra do aparelho, conseguiu que os dois navios ficassem abordados costado com costado e proa com popa, o seu a barlavento, enviando sobre o inimigo o fumo do armamento (p. 125) (Figura 2).



Figura 2 – Combate de Pernambuco. Óleo de Antonio Brugada, 1858. Fonte: Unsain (2008, p. 394).

Em certo momento do combate, D. Oquendo ordenou ao Capitão Juan de Cutillo que saltasse no navio inimigo e prendesse um calabrote no mastro da mezena. Castilho cumpriu a missão, permanecendo os navios atracados um ao outro, falecendo após ser atingido por um disparo de mosquete (BOXER, 1959; COELHO, 2003). Este foi um caso isolado, pois os engajamentos na aproximação dos navios já tinham desfalcado os grupos de abordagem de ambos os navios e as tentativas seguintes de fazê-lo também foram infrutíferas (BOXER, 1959).

O primeiro navio a tentar ajudar o *Santiago de Oliste* foi o galeão português *Nossa Senhora dos Prazeres Menor*, co-

mandado pelo Capitão Cosme do Couto Barbosa, de apenas 305 toneladas, que tentou abalroar o *Walcheren*. Mas, sendo o galeão holandês muito maior, arrastou o português para a proa dos três navios, ainda atracados, que “arfando sobre ele, acabaram por afundá-lo” (PEREIRA, 2009, p. 150). Boxer (1959) afirmou que ele teve o mérito de atrair para si disparos que seriam para o *Santiago de Oliste*, em um momento crítico do combate.

O *Prazeres Menor* foi secundado pelo galeão espanhol *Nuestra Señora de la Concepción*, muito maior, de 601 toneladas, comandado pelo Capitão Juan de Prado (MARLEY, 2008), que recolheu muitos dos

sobreviventes do *Prazeres Menor*, incluindo o Capitão Couto (COELHO, 2003).

Em determinado momento do combate iniciou-se um incêndio no *Prins Willem* proveniente “de uma bucha de nossa artilharia; e vendo-o, D. Antonio mandou os mosqueteiros atirarem sempre ali, porque, enquanto o fizessem, o inimigo não o poderia apagar. Assim, incendiou-se de forma que toda a capitânia... se queimou” (COELHO, 2003, p. 78). Em um certo momento, o fogo começou a colocar em perigo o próprio *Santiago de Oliste*, mas ele conseguiu passar um cabo para o *Nuestra Señora de la Concepción*, que o rebocou para longe do capitânia neerlandês, que ardia em chamas (COELHO, 2003).

O *Prins Willem* queimou por horas antes de afundar, no entanto, nenhum navio holandês prestou socorro ao capitânia da esquadra e a seu Almirante, que morreria afogado junto com boa parte de sua tripulação¹⁶ (DARÓZ, 2016).

De acordo com Jan Mast, o *Walcheren*, neste momento, começou a afastar-se do seu capitânia quando Pater “...bradou para que nós chamássemos outros navios a socorrê-lo. Isto fizemos nós, mas eles não vieram e deixaram que o fogo consumisse a nossa capitânia” (PEREIRA, 1895, p. 216).

Entre cinco e seis tripulantes do *Prins Willem* salvaram-se passando para o *Walcheren*, enquanto os navios ainda estavam juntos. Mast conseguiu observar dois pequenos barcos espanhóis nas proximidades do *Prins Willem*, recolhendo muitos sobreviventes, “...o que os nossos podiam ter feito comodamente, se tivessem cuidado disto... Nós mesmos teríamos de boa vontade mandado para lá a nossa chalupa, mas estando o navio muito danificado... era impossível proteger com o navio a nossa chalupa” (PEREIRA, 1895, p. 217). Por volta das 17 horas, as chamas devem ter atingido o paiol do *Prins Willem*, pois ele explodiu (BOXER, 1959).

A nau capitânia de D. Oquendo, *Santiago de Oliste*, “não era mais que um casco ingovernável, e tão danificada que só não afundou graças aos esforços dos marujos holandeses que os espanhóis haviam recolhido do mar” (BOXER, 1961, p. 67).

Em paralelo ao combate entre as capitânias, ocorreu a ação entre as almirantas. Thyssen informou que iniciou o engajamento às 10 horas e que a ação durou até as 16 horas da tarde (PEREIRA, 1895). A almiranta neerlandesa *Geunieerde Provintien*, de 800 toneladas, do Almirante Maerten Thijssen, acompanhada do *Provincie Utrecht*, de 600 toneladas, atacaram a almiranta espanhola *San Antonio*, de 700 toneladas, do Almirante D. Francisco de Vallecilla. Este contou apenas com a ajuda do *San Buenaventura*, de 500 toneladas (LAET, 1920). Este, desajeitadamente, acabou posicionando-se na proa dos três galeões, impedindo a fuga do *San Antonio* (BOXER, 1959).

Durante o combate, foi derrubado o mastro grande do *Provincie Utrecht*, o comandante foi ferido mortalmente, o navio incendiou-se e, por fim, acabou afundando (PEREIRA, 1895). O *San Antonio* se partiu e foi a pique, sendo que o Almirante Vallecilla já tinha falecido durante a ação. O *Geunieerde Provintien* sofreu diversos impactos, mas conseguiu apresar o *San Buenaventura*¹⁷, do Capitão Alonso de Alarcón y Molina, que faleceu em combate (LAET, 1920).

O Almirante Max Justo Guedes (1990) descreve a ação de mais três galeões espanhóis. O *San Martín de Guipúscoa*, que esteve abordado com o *Fortuijn*, mas estes se limitaram ao duelo de artilharia, sem tentativas de abordagem. Já os galeões *Nuestra Señora del Buen Suceso* e *San Pedro* impediram que outros navios neerlandeses se juntassem ao ataque duplo sobre o capitânia espanhol e ainda tentaram socorrer o *Buenaventura*. Ambos recolheram muitos náufragos.

Os demais navios neerlandeses não se envolveram diretamente no combate, contentando-se com o fogo de longo alcance. Os galeões *Hollandia*, *Amersfoort* e *Fortuijn* foram dos poucos que se envolveram na batalha, os demais se contentaram em engajar os inimigos a uma boa distância (BOXER, 1959; MARLEY, 2008). “Deste combate diz-nos Costa Quintela que de ambas as nações houve comandantes que fizeram muito mal o seu dever, e se contentaram com ser espectadores da batalha” (PEREIRA, 2009, p. 150).

Pelo lado dos neerlandeses, segundo Laet (1920) alguns capitães desanimaram ao distinguir o porte dos galeões espanhóis e não se atiraram na luta. Pelo diário de Ambrósio Richshoffer (1977) foram os capitães dos seguintes navios que não lutaram lealmente: *Dordrecht*, *Groeningen*, *Medemblik* e *Amersfoort*¹⁸. Informou ainda que eles foram presos em 31 de março de 1632¹⁹.

Já pelos luso-espanhóis, de acordo com D. Duarte de Albuquerque, alguns dos navios também não participaram efetivamente do combate e “...não faltou quem atribuisse esta omissão ao interesse e cobiça... isto é, trazerem alguma maior carga de açúcar do que o permitido a navios da armada e guerra” (COELHO, 2003, p. 79). O *San Buenaventura*, por exemplo, de acordo com o relato feito pela WIC, estava “carregado de açúcar, tabaco, couros e madeiras preciosas” (LAET, 1920, p. 212). A má conduta de alguns capitães chegou a ser relatada ao Conselho de Guerra em Madri, mas nenhuma providência foi tomada contra eles (BOXER, 1959).

Ao final do dia, as duas esquadras cessaram o combate. A esquadra neerlandesa tomou o rumo norte. No dia seguinte, ao não avistar mais a esquadra luso-espanhola e, devido às más condições de seus navios, o Almirante Thijssen resolveu retornar para Recife (LAET, 1920). Nas palavras de Thijssen, após o Conselho de

Guerra, “assentou-se, que nos conservaríamos na defensiva, visto estarmos desfalcados de três dos nossos navios grossos (os dois consumidos pelo fogo e o *Walcheren*, por muito danificado e incapaz de resistência), e que seguíssemos o quanto antes para Pernambuco” (PEREIRA, 1895, p. 209).

Até o dia 15 de setembro, a esquadra luso-espanhola permaneceu realizando reparos emergenciais em seus navios, principalmente no capitânia, que fazia muita água e estava desaparelhada. Ajudaram no reparo do *Santiago de Oliste* os marinheiros neerlandeses recolhidos do mar, até porque o capitânia espanhol, após a contagem dos mortos e a transferência dos feridos, tinha ficado com poucos marinheiros e soldados. Foi necessário remanejar 300 soldados, que reforçariam as tropas em Pernambuco, para suprir as baixas da esquadra (COELHO, 2003).

O galeão português *Nossa Senhora dos Prazeres Maior*, do Capitão Diogo de Freitas Mascarenhas, não pôde acompanhar a esquadra, devido às grandes avarias sofridas na batalha. Por ordem de D. Oquendo arribou para a Bahia (COELHO, 2003).

VITÓRIA TÁTICA E ESTRATÉGICA

Os neerlandeses perderam dois navios: a capitânia de Pater, o *Prins Willem*, além do *Provincie Utrecht*. O *Walcheren* ficou seriamente danificado. As baixas foram, segundo os neerlandeses, de 350 mortos ou desaparecidos, entre eles o General Adriaen Janszoon Pater e 80 feridos (BOXER, 1959; GUEDES, 1990). Quando da chegada da esquadra ao Recife, segundo o testemunho de Ambrósio Richshoffer (1977), os navios que se engajaram efetivamente no combate “...estavam por dentro e por fora tão salpicados de carne humana, miolos e sangue, que foi preciso raspá-los com vassouras; o que foi horrível de ver-se” (p. 120).

Os luso-espanhóis perderam três navios: a almiranta *San Antonio* e o *Nossa Senhora dos Prazeres Menor*, postos a pique; e o *San Buenaventura*, capturado pelo inimigo. O galeão português *Nossa Senhora dos Prazeres Maior*, muito avariado, teve que retornar a Salvador. As baixas foram de 345 mortos, entre eles o Almirante espanhol Francisco de Vallecilla, 240 aprisionados pelos neerlandeses e 201 feridos (BOXER, 1959; GUEDES, 1990).

Goslinga (1971) apresenta três opiniões dispares sobre o resultado da Batalha dos Abrolhos: para Joannes de Laet foi uma vitória espanhola; para Hermann Wätjen (1876-1944), Pater perdeu a vida, mas não a batalha; e para George Edmundson (1848-1930), “se foi uma vitória, foi uma vitória de Pirro, ‘uma vitória estéril’... na qual os vencedores perderam muito mais do que os vencidos...” (p. 224).

Joannes de Laet (1920), entretanto, também afirmou que a Batalha Naval dos Abrolhos “...foi um combate renhido, e os vencedores não puderam rejubilar-se muito pela vitória, tendo sofrido quase tão grandes perdas quanto os nossos” (p. 210).

Para Loureiro (2018) “...de modo equilibrado, Oquendo e Pater não alcançaram um resultado tático expressivo. Nesta batalha indecisa...” (p. 58). Mas para Donato (2001) “...tendo repellido o ataque e ficado senhor de seus movimentos, Oquendo reclamou a vitória, embora seus barcos registrassem tantos danos quanto os do adversário” (p. 176). Segundo Boxer (1961), nenhum dos lados tomou a iniciativa de reiniciar o combate.

Taticamente, as perdas foram muito semelhantes. O número de navios afundados foi igual, mas em termos de toneladas, os neerlandeses perderam 1.600 e os luso-espanhóis 1.005. Eles conseguiram apresar um galeão de 500 toneladas, o que aproximaria os números acima. Ambas as esquadras tiveram navios muito danificados. Nenhum dos lados tomou a iniciativa de reiniciar os combates nos

dias seguintes. Portanto, considera-se que não houve uma vitória tática de nenhum dos contendores.

A esquadra luso-espanhola, após a batalha, cumpriu, integralmente, suas tarefas, pois, na noite do dia 17 de setembro, o Conde de Bagnuolo solicitou e obteve a permissão para separar-se da esquadra e rumar para Pernambuco. Esses reforços permitiram aos portugueses manter os holandeses dentro dos perímetros das fortalezas que ocupavam. Os navios carregados de açúcar seguiram sem mais problemas. Entretanto, os holandeses não perderam o controle do mar na costa nordeste brasileira, após o retorno da força luso-espanhola (BOXER, 1961; PEREIRA, 2009; ROSTY, 2009).

O Almirante Max Justo Guedes (1990), então, considera que a vitória estratégica foi de D. Oquendo, por ele ter cumprido a sua missão, independentemente dos resultados posteriores em Pernambuco “...onde os poucos recursos deixados não alteraram, na prática, a situação... Os holandeses, mesmo considerando-se derrotados, não perderam o domínio do mar...” (p. 127).

Após tomar conhecimento do desembarque dos reforços trazidos pelos luso-espanhóis, o governador e comandante do exército, Coronel Waerdenbruch, evacuou e incendiou a cidade de Olinda e instalou-se em Recife (MELLO, 2007). Ficando mais restrito ainda em termos territoriais, mas perto da segurança do porto e dos navios da Companhia.

Em carta, o Conselho Político do Recife informou à WIC que a causa do “nosso insucesso e de escapar a armada inimiga foi... estarem muito espalhados os nossos navios para a guarnição da costa... a isto se acresce a suposição em que estávamos, de serem poucas as forças do inimigo.... fundada na parte inexata dada pelo iate *Katte*...” (PEREIRA, 1895, p. 206).

D. Oquendo cumpriu o que lhe foi ordenado. Se os reforços não foram su-

ficientes para alterar a situação em Pernambuco, esta decisão não lhe coube. Os neerlandeses receberam a missão de interceptar a esquadra luso-espanhola, para impedir o desembarque de reforços, no que falharam. A vitória estratégica foi, portanto, de D. Oquendo.

Para divulgá-la, D. Antonio de Oquendo encomendou ao pintor espanhol Juan de La Corte (1597-1660) quatro quadros que apresentavam as fases da batalha (Figura 3). Os quadros foram um presente do Almirante ao Rei Felipe IV (FERREIRA, 2019).



Figura 3 – Óleo que comemora a vitória de Antonio de Oquendo em Pernambuco em 1631. Fonte: Unsain (2008, p. 394).

Para o Brasil, sem dúvida, as consequências da batalha foram mínimas, pois o reforço das tropas desembarcadas não foi suficiente para alterar a situação em terra e os holandeses permaneceram com suas linhas de comunicações marítimas defendendo e abastecendo suas tropas em Pernambuco. O historiador Pedro Calmon (1959) assim resumiu a situação após a Batalha Naval dos Abrolhos: “Foi como se um irreparável destroço tivesse mergulhado no oceano as quilhas portuguesas” (p. 541).

No início de 1632, quando parecia que os neerlandeses não conseguiriam manter-se em Pernambuco, Domingos Fernandes Calabar (1609-1635) desertou e passou a colaborar com os invasores, assim como os índios tapuias. Os neerlandeses,

então, derrotaram os portugueses no Arraial do Bom Jesus, em 1635, consolidando a conquista de quase todo o litoral do Nordeste (CESAR, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A União Ibérica inseriu Portugal na guerra entre a Espanha e os Países Baixos. Os embargos comerciais que se seguiram incitaram o ataque neerlandês às fontes das especiarias. No Brasil, foram atraídos pelo açúcar.

Os neerlandeses atacaram Salvador, porém a reação foi inesperada, pois os luso-espanhóis foram rápidos e eficientes na organização da reação e o resultado foi a Jornada dos Vassalos, que expulsou os invasores.

O naufrágio de uma armada portuguesa, evento muito pouco conhecido entre nós, e a interceptação da Frota da Prata espanhola, contribuíram para o enfraquecimento econômico-militar da União Ibérica e a invasão de Pernambuco.

Nos dois primeiros anos, os invasores ficaram limitados à faixa litorânea entre Olinda e Recife e os portugueses controlavam o interior. Os neerlandeses dependiam das comunicações marítimas para a sua sobrevivência. Uma possível expedição, como a Jornada dos Vassalos, poderia ter expulsado os neerlandeses, mas o cenário econômico-militar na Península Ibérica já não era tão favorável.

A Coroa espanhola estava ciente do perigo da perda de Pernambuco e do rico comércio do açúcar, mas estava envolta em outros problemas na Europa e no Oriente. Este fato determinou que a reação fosse organizada tardiamente. A organização da expedição de socorro a Pernambuco pode ser assunto de novas discussões. O Almirante Max Justo Guedes informa que o Arquivo Geral de Simancas possui farta documentação relativa ao assunto.

Com relação à batalha propriamente dita, algumas questões merecem maior reflexão. Devido a problemas de avaliação da força adversária, normal para o período em questão, os neerlandeses acreditaram serem mais fortes do que a esquadra luso-espanhola e organizaram o ataque aos pares, dois contra um. A esquadra espanhola posicionou-se entre os atacantes e o comboio. Para alguns eles estavam formados em linha de batalha, para outros em meia-lua crescente. Na opinião do autor, o mais importante, no caso, não foram as formaturas, mas o fato de a batalha ter se degenerado em combates individuais, como era típico do início do século XVII.

Quanto à inação da maioria dos navios neerlandeses e luso-espanhóis durante a batalha, constatou-se que os neerlandeses estariam temerosos em relação ao tamanho da esquadra inimiga e os luso-espanhóis preocupados com a rica carga que levavam a bordo. Alguns capitães neerlandeses foram processados, mas nenhuma ação foi tomada com relação aos luso-espanhóis. O autor considera que a pesquisa sobre estes processos pode trazer novos dados sobre o período.

Quanto à polêmica se haveria um vencedor, as opiniões são divergentes, mas o autor considera que não houve um vencedor taticamente falando, pois as perdas humanas e materiais foram muito semelhantes. Em termos estratégicos, a esquadra luso-espanhola cumpriu a sua missão, desembarcando os reforços e comboiando os navios carregados de açúcar. Os neerlandeses tinham a missão de impedir este desembarque, no que falharam. Portanto, estrategicamente, a vitória foi luso-espanhola.

Uma sugestão de pesquisa seria confirmar a terceira missão luso-espanhola, de comboiar a Frota da Prata, pois a maioria dos relatos mostra o retorno da Armada para Lisboa, após a batalha.

Para o Brasil, o resultado da Batalha Naval dos Abrolhos não alterou a situação em Pernambuco. Os neerlandeses permaneceram com o controle do mar e mantiveram a ocupação de Recife. Nos anos seguintes, esta ocupação se estenderia por quase todo o litoral nordestino. Deve-se reforçar o fato de que D. Oquendo não tinha a missão de expulsar os neerlandeses, nem tampouco de reconquistar Pernambuco. Portanto, na opinião do autor, esta foi uma vitória que não contribuiu para o fim da dominação neerlandesa no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Roberto C. de. O apogeu dos Países Baixos e a Companhia das Índias Ocidentais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Ano 173, n. 4, 2012. Rio de Janeiro: O Instituto, 2012.

BOXER, Charles R. *The Action Between Pater and Oquendo, 12 september 1631. The Mariner's Mirror, UK: Society for Nautical Research*, n. 45, 1959.

_____. *Os holandeses no Brasil, 1624-1654*. Coleção Brasileira Vol. 312. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

_____. *O Império Colonial Português (1415-1825)*. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 1981.

_____. *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola, 1602-1686*. Coleção Brasileira Vol. 353. São Paulo: Editora Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Vol. II. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1959.

CESAR, William C. *Uma história das guerras navais: o desenvolvimento tecnológico e o emprego do poder naval ao longo dos tempos*. Rio de Janeiro: FEMAR, 2013.

COELHO, Duarte de Albuquerque. *Memórias diárias da guerra do Brasil: pelo decurso de nove anos, começando em 1630*. São Paulo: Beca, 2003.

DARÓZ, Carlos. A Batalha Naval dos Abrolhos (1631). *História Militar*, s.l., 23 fev. 2016. Disponível em: <https://darozhistoriamilitar.blogspot.com/2016/02/a-batalha-naval-de-abrolhos-1631.html>. Acesso em: 15 fev. 2020.

DONATO, Hernani. *Dicionário das batalhas brasileiras*. Rio de Janeiro: Bibliex, 2001.

FERREIRA, Victor B. *O Pincel de Marte: As representações pictóricas da guerra entre neerlandeses e ibéricos no Atlântico (1621-1669)*. Dissertação (Mestrado de História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de História. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-03032020-171934/pt-br.php>. Acesso em: 05 fev. 2021.

FROTA, Guilherme de A. *Uma Visão Panorâmica da História do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: O Autor, 1983.

GOSLINGA, Cornelius Ch. *The Dutch in the Caribbean: And on the Wild Coast 1580-1680*. Assen: Van Goround, 1971.

GRANT, R. G. *Battle at Sea: 3.000 years of naval warfare*. London: Dorling Kindersley Ltd, 2010.

GUEDES, Max Justo. As guerras holandesas no mar. *História Naval Brasileira*. Segundo volume. Tomo IA. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha, Serviço de Documentação Geral da Marinha, 1990.

LAET, Joannes de. *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde seu começo até o fim do ano de 1636 por Joannes de Laet, diretor da mesma companhia*. Livros I-IV. Tradução José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Anais da Biblioteca Nacional, vol. XXX, 1908. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1912.

_____. *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde seu começo até o fim do ano de 1636 por Joannes de Laet, diretor da mesma companhia*. Livros V-VII. Tradução José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Anais da Biblioteca Nacional, vol. XXXIII, 1911. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1915.

_____. *História ou Anais dos Feitos da Companhia Privilegiada das Índias Ocidentais desde seu começo até o fim do ano de 1636 por Joannes de Laet, diretor da mesma companhia*. Livros VIII-X. Tradução José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior. Anais da Biblioteca Nacional, vol. XXXVIII, 1916. Rio de Janeiro: Oficina Gráfica da Biblioteca Nacional, 1920.

LOUREIRO, Marcelo J. G. O Poder Naval na defesa da colônia. In: Abreu, Guilherme M. de (org.). *Marinha do Brasil: Uma síntese histórica*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2018.

MELLO, Evaldo C. de. *Olinda restaurada: guerra e açúcar no Nordeste, 1630-1654*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021a.

_____. *O negócio do Brasil: Portugal, os Países Baixos e o Nordeste, 1641-1669*. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021b.

MELLO, José A. Gonsalves de. *Tempo dos flamengos: influência da ocupação holandesa na vida e na cultura do norte do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 2007.

MARLEY, David F. *Wars of the Americas: a chronology of armed conflict in the western hemisphere, 1492 to the present*. 2. ed. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2008.

PEREIRA, José A. R. *Grandes batalhas navais portuguesas: os combates que marcaram a história de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

PEREIRA, José Hygino D. Batalha Naval de 1631 nos mares do Brasil. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Companhia Typographica do Brazil, Tomo LVIII, Parte I, 1º e 2º trimestres, 1895.

RICHSHOFFER, Ambrósio. Diário de um soldado. In: *Diário de um soldado/Olinda conquistada*. Coleção Pernambucana. Vol. XI. Recife: Governo do Estado de Pernambuco, Secretaria de Educação e Cultura, 1977.

ROSTY, Cláudio S. Ameaças externas: os holandeses. In: BITTENCOURT, Armando de S. [et al.]. *História Militar Brasileira I: do período colonial ao monárquico: livro didático*. Palhoça: UnisulVirtual, 2009.

SALGADO, Augusto A. A. *Portugal e o Atlântico: organização militar e ações navais durante o período Filipino (1580-1640)*. Tese (Doutorado em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa) - Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de História. Lisboa, 2009. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/580/1/21501_ulsd057787_td.pdf. Acesso em: 09 fev. 2021.

UNSAIN, José M. (Org.). *San Sebastián, ciudad marítima. Donostia-San Sebastián: Untzi Museoa-Museo Naval, 2008*. Disponível em: https://itsasmuseoa.eus/images/publicaciones/MonografiasDigitales/ciudad_maritima_cast.pdf. Acesso em: 10 fev. 2021.

NOTAS

¹ Este artigo é baseado na Atividade de Avaliação a Distância, enviada no dia 3 de outubro de 2020, referente à Disciplina de História Militar Brasileira I – Do Período Colonial ao Monárquico, professor Luiz Augusto R. Nascimento, do Curso de Pós-graduação em História Militar da Universidade do Sul de Santa Catarina - Unisul (Campus Virtual).

² A Batalha Naval dos Abrolhos também foi nomeada de Batalha ou Combate Naval de Pernambuco, principalmente em fontes espanholas.

³ Os três pretendentes principais à Coroa portuguesa eram Felipe II, Rei da Espanha, D. Antonio, Prior de Castro, sobrinho do Cardeal-Rei e D. Catarina de Bragança, viúva de D. João III e mãe de D. Sebastião.

⁴ Maurício, Príncipe de Orange, Conde de Nassau, nasceu em 13 de novembro de 1567, em Dillenburg, Nassau - morreu em 23 de abril de 1625, em Haia. *Stadhouder* das Províncias Unidas de 1585-1625, sucessor de seu pai, Guilherme I, o Silencioso. Desenvolveu a estratégia militar, tática e engenharia, tornando o exército holandês o mais moderno da Europa de sua época (Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Maurice-stadholder-of-The-Netherlands>. Acesso em 22 abr. 2021).

⁵ Joannes de Laet (1581-1649) foi Diretor da WIC e publicou sua História dos Feitos da Companhia até 1636, em Leyde, 1644, segundo os Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, tradutores da obra (LAET, 1912).

⁶ C. R. Boxer apresentou os seguintes argumentos para a escolha do Brasil: por ser uma colônia portuguesa seria mais facilmente conquistada; os portugueses eram piores soldados que os espanhóis; muitos portugueses eram marranos; os lucros da exploração do açúcar pagariam a conquista e a ocupação; seria uma base de operações para atacar os comboios luso-espanhóis etc. (BOXER, 1961).

⁷ Segundo Boxer (1973): “Um dia inteiro de bombardeio deu resultado bem pouco apreciável, pois as quatro mil balas de canhão lançadas pelos navios holandeses não ocasionaram mais do que uma meia dúzia de baixas entre os defensores. A artilharia portuguesa era quase igualmente ineficaz, embora os seus artilheiros houvessem conseguido pôr a pique um dos navios holandeses, que se tornara mira fácil por estar em frente de uma bateria” (p. 63).

⁸ Fidalgos das principais casas responderam ao apelo de Felipe IV para guarnecerem a esquadra que expulsaria os holandeses da Bahia. Esta expedição ficou conhecida como a “Jornada dos Vassalos” (FROTA, 1983, p. 62).

⁹ Encontramos diversas designações diferentes para os comandantes das expedições marítima da época. Para Boxer (1959) o Comandante em Chefe espanhol era denominado de Capitão-General e o segundo em comando de Almirante-General, que corresponderia aos atuais Almirante de Esquadra e Vice-Almirante. Ele alerta também que o termo General era frequentemente aplicado aos comandantes navais ingleses nos séculos XVI e XVII. Os navios dessas autoridades eram denominados de capitânia e almiranta. Na tradução da história da WIC, de Joannes de Laet, realizada pelos Drs. José Hygino Duarte Pereira e Pero Souto Maior, eles incluíram uma nota de rodapé de autoria de Pieter M. Netscher (1824-1903): “Quando a Companhia... equipava uma grande armada, dava de ordinário ao comandante em chefe o título de General, que tinha, às suas ordens um almirante e um vice-almirante” (LAET, 1912, p. 56).

¹⁰ Uma descrição das ações que levaram à perda da Frota da Prata de 1628 encontra-se em *Wars of the Americas*, de David F. Marley (2008).

¹¹ Optou-se pela utilização da grafia dos nomes dos galeões espanhóis em espanhol e dos galeões portugueses em português. A grafia dos nomes dos personagens históricos também seguiu esta padronização.

¹² De acordo com Mello (2021a): “As fontes permitem entrever os efeitos da guerra de corso sobre o sistema açucareiro. Por carência de navios, cresciam no Brasil os estoques de açúcar e de outros gêneros. Em meados de 1631, a armada de D. Antonio de Oquendo encontrou em Salvador açúcares de mais de dois anos” (p. 88).

¹³ A WIC ciente dos erros cometidos na tentativa de conquista da Bahia, agora contratava o confiável Pater (GOSLINGA, 1971).

¹⁴ Optou-se pela utilização da grafia dos nomes dos galeões holandeses de acordo com o constante na obra de David F. Marley (2008), *Wars of the Americas*. A grafia dos nomes dos personagens históricos holandeses também seguiu esta padronização. Isto foi necessário devido a este autor ter encontrado diversas grafias diferentes nas fontes consultadas.

¹⁵ No diário de Ambrósio Richshoffer (1977), seu amigo Felipe de Haussen contou-lhe que “era tamanho o ruído produzido pela grossa artilharia e mosquetaria que parecia querer o céu precipitar-se no mar” (p. 120) e D. Duarte de Albuquerque, embarcado em uma das caravelas, relatou “a mais renhida e porfiosa bateria de artilharia e mosquetaria que se pode imaginar” (COELHO, 2003, p. 77).

¹⁶ Para as diversas versões sobre a morte do Almirante-General Pater, se foi voluntária ou por cansaço, ver a obra do Almirante Max Justo Guedes (1990), páginas 125/6.

¹⁷ Richshoffer (1977) nos conta que o navio ao chegar em Recife “estava tão danificado pelas balas que se podia ver através dos dois costados” (p. 120).

¹⁸ O galeão *Amersfoort* foi citado anteriormente por Boxer (1959) e Marley (2008) como tendo participado efetivamente da batalha, mas foi citado por Richshoffer (1977) como sendo um dos navios em que o capitão foi processado.

¹⁹ Segundo Boxer (1959) os principais culpados foram levados a julgamento nos Países Baixos, mas ninguém foi condenado à morte. As sentenças foram de baixa desonrosa a banimento vitalício.